

A stylized, abstract tree graphic in shades of gray, positioned in the upper right corner of the page. The tree has a thick, dark trunk that branches out into several thinner, lighter branches. The background behind the tree consists of soft, circular, light gray shapes that resemble clouds or foliage.

Quando não há longe nem distância. Há o contágio.

Cristina Brito¹

A proximidade entre as pessoas é benéfica. Em termos biológicos e comportamentais, os seres humanos são mamíferos gregários, tendem a agregar-se e a viver em grupos familiares mais ou menos alargados. Em termos emocionais, a proximidade a parentes, amigos e vizinhos, permite a criação de laços entre os indivíduos os quais garantem a cooperação, a proteção, o amor, a entreatajuda, enfim, a sobrevivência de homens, mulheres e crianças e, em última análise, da espécie. Em termos históricos, os humanos foram-se estruturando em grupos culturais e em sociedades que tendencialmente se foram complexificando em termos de hierarquias e inter-relações. E se há culturas e sociedades mais fechadas, ditas isoladas, e que sobreviveram (ou ainda sobrevivem) em isolamento, a grande maioria dos grupos humanos, em algum momento da história, entrou em contacto com outros.

Para quebrar o isolamento, para vencer barreiras geográficas, para ter acesso privilegiado a recursos e a territórios, montanhas e rios foram ultrapassados, mares e oceanos foram navegados, ilhas e arquipélagos passaram a estar ligados. E as pessoas

¹ Doutora em História pela Universidade Nova de Lisboa. Pesquisadora no CHAM (Centro de Humanidades) e Professora Auxiliar no Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. cbrito@fcs.h.unl.pt

aproximaram-se. Primeiro através de rios e entre zonas costeiras próximas, entre diferentes massas continentais e através de mares semifechados e, a partir da época moderna, com o advento das expansões ibéricas² e das restantes nações europeias, através de bases oceânicas, deixou de haver longe e deixou de haver distância. A chamada 'primeira globalização' colocou os diferentes povos e sociedades do mundo em contacto umas com as outras. Com o contacto inicial, veio o encontro mais prolongado; com o encontro e a permanência, veio o confronto. E com o contacto, o encontro e o confronto, veio também o contágio.

A chegada dos Europeus a diferentes regiões do que passou a ser conhecido como as Américas no final do século XV, conduziu ao contacto destes com os diferentes povos Ameríndios habitantes das várias latitudes do grande continente³. Este foi um encontro de pessoas que não sabiam da existência mútua; pessoas adaptadas a espaços e habituadas a formas de viver muito diversificadas, com sistemas culturais e cosmovisões estruturalmente diferentes assim como com sistemas imunitários e adaptações ao clima e ambientes muito distintos. Com o contacto, o encontro.

A partir do momento em que as rotas comerciais transatlânticas se estabeleceram, ficou definitivamente arquitetada uma rede de trocas e de intercâmbios entre a Europa, África e a América. Pessoas, produtos, objetos, animais vivos, plantas nativas, ideias e conhecimento, passaram a fluir nos vários sentidos em que os sistemas de comunicação marítima, em função dos interesses económicos e geoestratégicos dos Europeus, se estabeleciam. Objetos produzidos na Europa eram transportados para África e as Américas; africanos escravizados eram levados para a Europa, mas principalmente as Américas; produtos tropicais, recursos naturais e pessoas indígenas eram apropriados e trazidos para a Europa. Com o contacto, o confronto.

² Costa, J.P.O. (coord.), Rodrigues, J.D. & Oliveira, P.A. (2014). *História da Expansão e do Império Português*. Lisboa: A Esfera dos Livros. Yun-Casalilla, B. (2019). Iberian world empires and the globalization of Europe 1415-1668. *Palgrave Studies in Comparative Global History*. Singapore: Palgrave Macmillan. <https://doi.org/10.1007/978-981-13-0833-8>. https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-981-13-0833-8_2

³ Mann, Charles C. (2011). *1491: New revelations of the Americas before Columbus*. New York: Vintage Books. 2nd Edition.

Da mesma forma, eram transportados outros elementos vivos, ainda que silenciosos, entre a Europa e as Américas – micróbios, bactérias e vírus. Doenças às quais os Europeus se encontravam imunes e que poucos danos lhes causavam, como a gripe e a varicela, mas também as letais varíola, sarampo e malária, foram introduzidas pelos recém-chegados a estes territórios. Estas doenças dizimaram centenas, milhares (milhões?) de pessoas das populações locais. No sentido contrário, o contacto com os Ameríndios levou à introdução da sífilis na Europa. Com o contacto, o contágio.

Aos contactos resultantes do intercâmbio entre o então ‘Velho Mundo’ (Eurásia e África) e ‘Novo Mundo’ (Américas), e às trocas comerciais, culturais e biológicas que se estabeleceram de imediato e que assim permaneceram, chama-se ‘intercâmbio colombino’⁴. O termo foi cunhado pelo americano Alfred W. Crosby⁵ no início da década de 1970 que o associou à ligação primeiramente estabelecida por Cristóvão Colombo entre estes dois espaços continentais até então separados. Este historiador foi o primeiro a referir que as diferentes formas de vida, incluindo os agentes causadores de doenças, passaram a ser transportadas entre os continentes a partir do século XVI e assim se mantiveram de modo contínua desde então. Os impactos destes intercâmbios ecológicos foram, à época, devastadores e irreversíveis, mas são ainda hoje pouco conhecidos e estudados.

Se a história das expansões marítimas europeias e da ‘primeira globalização’ é normalmente conceptualizada e ensinada do ponto de vista económico, cultural, político e militar, sem dúvida que é momento de começar a entendê-la também do ponto de vista ecológico e ambiental⁶. A presença humana em certas regiões do planeta, em determinados momentos, e os seus movimentos, migrações e expansões

⁴ Crosby, A.W. (2003) [1972] *The Columbian Exchange: Biological and cultural consequences of 1492*. 30th Anniversary Edition. Foreword by John McNeill: USA. Esta é uma obra fundacional da história ambiental e estruturante da história global e dos contactos entre sociedades; apesar de vários trabalhos terem já sido publicados desde então, continua a ser um estudo de referência. Ver também o trabalho recente de Cook, N.D. (2015) *The Colombian Exchange*. In Bentley, J.H., Subrahmanyam, S. & Wiesner-Hanks, M.E. (Eds.) *The Construction of a Global World, 1400-1800 CE. Part 2: Patterns of Change*. Cambridge University Press: 103-134.

⁵ Seguir o link para uma entrevista com Alfred W. Crosby, por Megan Gambino, na revista *Smithsonian Magazine* de 4 de Outubro de 2011: <https://www.smithsonianmag.com/history/alfred-w-crosby-on-the-columbian-exchange-98116477/>

⁶ Seguindo a pegada de Alfred W. Crosby, vários autores começaram a trabalhar nos aspetos e impactos ecológicos e ambientais das expansões europeias. Veja-se, entre outros, a obra de referência de Diamond, J. (2017) [1997] *Guns, Germs, and Steel: The fates of human societies*. New York, London: W.W. Norton & Company.

têm algumas vezes causas ecológicas, mas, mais importante, têm sempre consequências ecológicas e biológicas.

Com os movimentos de pessoas, transfere-se muito mais do que aquilo que o olho consegue discernir. Com a proximidade de pessoas, para além dos óbvios benefícios, surgem malefícios invisíveis. Apenas as consequências deixam marcas e registos históricos. A globalização e a atual velocidade vertiginosa das deslocações humanas, dos contactos e intercâmbios, mostra-nos que já não há longe nem distância entre os seres humanos a viver em diferentes partes do planeta. E a história, no que diz respeito a doenças transmissíveis e de impacto global, mostra-nos que quando não há longe nem distância, há sempre a iminência de contágio.